



Aportes Éticos e Estéticos em Filosofia 2

Marcelo Máximo Purificação
Sonellaine de Carvalho
Alessandra Cabral da Silva
(Organizadores)

Atena
Editora
Ano 2021



Aportes Éticos e Estéticos em Filosofia

2

Marcelo Máximo Purificação
Sonellaine de Carvalho
Alessandra Cabral da Silva
(Organizadores)

Atena
Editora

Ano 2021

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremonesi

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
 Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
 Prof^ª Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
 Prof. Dr. Daniel Richard Sant'Ana – Universidade de Brasília
 Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
 Prof^ª Dr^a Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
 Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
 Prof. Dr. Elói Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
 Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
 Prof^ª Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
 Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
 Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
 Prof^ª Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
 Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
 Prof^ª Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
 Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
 Prof^ª Dr^a Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
 Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
 Prof^ª Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof^ª Dr^a Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
 Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
 Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
 Prof^ª Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
 Prof^ª Dr^a Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
 Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
 Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
 Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
 Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
 Prof^ª Dr^a Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
 Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof^ª Dr^a Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
 Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
 Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
 Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
 Prof^ª Dr^a Gírlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
 Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
 Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste
 Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
 Prof^ª Dr^a Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
 Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
 Prof^ª Dr^a Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
 Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
 Prof^ª Dr^a Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
 Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
 Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
 Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
 Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
 Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
 Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
 Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
 Prof. Dr. Sidney Gonçalves de Lima – Universidade Federal do Piauí
 Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
 Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
 Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
 Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
 Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo
 Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,
 Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
 Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
 Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
 Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
 Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
 Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
 Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
 Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
 Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
 Profª Ma. Adriana Regina Vettorazzi Schmitt – Instituto Federal de Santa Catarina
 Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
 Prof. Me. Alessandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
 Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
 Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras
 Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
 Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
 Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
 Profª Drª Andreza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
 Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
 Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
 Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
 Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
 Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
 Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
 Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
 Prof. Me. Carlos Augusto Zilli – Instituto Federal de Santa Catarina
 Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
 Profª Drª Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
 Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
 Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
 Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
 Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
 Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa

Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
 Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
 Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
 Prof. Me. Edson Ribeiro de Britto de Almeida Junior – Universidade Estadual de Maringá
 Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
 Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
 Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
 Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
 Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
 Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
 Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
 Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
 Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
 Prof. Me. Fabiano Eloy Atilio Batista – Universidade Federal de Viçosa
 Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
 Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
 Prof. Me. Francisco Sérgio Lopes Vasconcelos Filho – Universidade Federal do Cariri
 Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
 Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
 Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
 Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
 Prof. Me. Gustavo Krahel – Universidade do Oeste de Santa Catarina
 Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
 Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
 Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
 Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
 Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
 Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
 Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
 Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
 Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
 Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
 Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
 Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
 Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
 Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
 Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Profª Ma. Lilian de Souza – Faculdade de Tecnologia de Itu
 Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Profª Drª Livia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
 Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
 Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
 Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
 Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Me. Luiz Renato da Silva Rocha – Faculdade de Música do Espírito Santo
 Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
 Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos

Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
 Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
 Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
 Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
 Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
 Prof. Dr. Pedro Henrique Abreu Moura – Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais
 Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
 Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
 Prof. Me. Rafael Cunha Ferro – Universidade Anhembí Morumbi
 Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
 Prof. Me. Renan Monteiro do Nascimento – Universidade de Brasília
 Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
 Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
 Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
 Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
 Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
 Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
 Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
 Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Aportes éticos e estéticos em filosofia 2

Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Correção: Maiara Ferreira
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadores: Marcelo Máximo Purificação
Sonellaine de Carvalho
Alessandra Cabral da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A644 Aportes éticos e estéticos em filosofia 2 / Organizadores
Marcelo Máximo Purificação, Sonellaine de Carvalho,
Alessandra Cabral da Silva. – Ponta Grossa - PR: Atena,
2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-130-2

DOI 10.22533/at.ed.302211805

1. Filosofia. I. Purificação, Marcelo Máximo
(Organizador). II. Carvalho, Sonellaine de (Organizadora). III.
Silva, Alessandra Cabral da (Organizadora). IV. Título.
CDD 101

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

Caros leitores, apresentamos a obra: “Aportes Éticos e Estéticos em Filosofia 2”, desenvolvido através de trabalhos realizados em diferentes contextos. Uma obra que reúne 11 textos, cujos temas transitam pelo universo da filosofia proporcionando conhecimento e informação, que corroboram para a constituição de reflexões na área das Ciências Humanas.

O livro apresenta objetivos e temas que percorrem os seguintes caminhos: estudar o método de René Descartes na história da filosofia e do pensamento moderno; em objetiva conceber se a igualdade preserva a essência humana ou se colabora na construção de massas e no isolamento dos seres frente à realidade dos fatos; em saber como é possível se dar a ligação (mente e cérebro), um dos problemas que o filósofo contemporâneo da mente tenta explicar e resolver; descreve a investigação acerca do problema filosófico apresentado por Alan Turing ao afirmar a possibilidade de máquinas pensarem; analisa o aspecto simbólico dos heróis e dos mitos, para então, por meio do Tarot, considerado um dos oráculos mais antigos da humanidade, arte adivinhatória em forma de jogo de cartas, adentrarmos numa leitura dos arcanos-arquétipos que regem a filosofia bachelardiana; busca compreender, dentro da Filosofia Política do filósofo italiano Antonio Gramsci (1891–1937), o lugar e o valor da hegemonia e relacioná-la com as categorias de guerra de posição e de reforma moral e intelectual; coloca o Filósofo Søren Aabye Kierkegaard como aquele pensador que andou na contramão da filosofia entendida como existencial, onde na sua gênese de interpretação não há um “socorro”, uma esperança; não se procura analisar somente as semelhanças, mas explorar os caminhos dados pelo jovem Nietzsche que, por vezes, apesar de um tanto poéticos, são sucintos em suas argumentações e, não apresentam conflitos com a própria forma em que foram expressos, uma vez que a saída mesma dos tais problemas seria através de um perspectivismo artístico; apresentar uma visão contemporânea da felicidade, especialmente trabalhada nas relações de consumo; explicita uma fundamentação metafísica da lei natural em Tomás de Aquino; Saber que o ensino da filosofia deve ser renovado e reinventado, por meio da prática docente de cada educador, encontrando novas estratégias de aprendizagem. O exposto acima mostra a profundidade das discussões, que visam proporcionar aos leitores boas leituras e boas reflexões.

Marcelo Máximo Purificação
Sonellaine de Carvalho
Alessandra Cabral da Silva

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1.....	1
A ATUALIDADE DO MÉTODO DA DÚVIDA CARTESIANA NO AMBIENTE DAS PESQUISAS CIENTÍFICAS	
Leandro Arcanjo Silva	
DOI 10.22533/at.ed.3022118051	
CAPÍTULO 2.....	8
A HORIZONTALIDADE DOS DIREITOS HUMANOS NA PERSPECTIVA DE HANNAH ARENDT: A DESCARTABILIDADE IMPLÍCITA NA POPULAÇÃO MIGRATÓRIA	
Natália Madsen dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.3022118052	
CAPÍTULO 3.....	19
A CONCEPÇÃO DE MENTE COMO HERANÇA CARTESIANA NO DUALISMO DE SUBSTÂNCIAS E PROPRIEDADES	
Matusalen de Lima	
Evandro Oliveira Brito	
DOI 10.22533/at.ed.3022118053	
CAPÍTULO 4.....	24
A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E O PENSAMENTO DE MÁQUINAS: O <i>HARD PROBLEM</i> DA CONSCIÊNCIA NA PROPOSTA DE ALAN TURING	
Leonardo Augusto Pacheco	
DOI 10.22533/at.ed.3022118054	
CAPÍTULO 5.....	34
BACHELARD E A JORNADA DO HERÓI: MITANÁLISE E TAROLOGIA COMO APRENDIZAGEM DE SI	
Gabriel Kafure da Rocha	
William Gustavo Machado	
DOI 10.22533/at.ed.3022118055	
CAPÍTULO 6.....	52
HEGEMONIA EM GRAMSCI	
Antonio Ferreira Marques Neto	
DOI 10.22533/at.ed.3022118056	
CAPÍTULO 7.....	64
O INDIVÍDUO E A ÂNSIA DE SER SI MESMO KIEKEGAARD E OS ESTÁGIOS ESTÉTICO, ÉTICO E RELIGIOSO	
Uilson Melo Barbosa Monteiro	
Danilo Leal de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.3022118057	

CAPÍTULO 8.....	73
O PROBLEMA MORAL DO IMPULSO À VERDADE E A ESTÉTICA DA VONTADE DE PODER COMO SAÍDA POSSÍVEL	
Raul Reis Araújo	
DOI 10.22533/at.ed.3022118058	
CAPÍTULO 9.....	81
RELAÇÕES DE CONSUMO: UMA ANÁLISE FILOSÓFICA CONTEMPORÂNEA DA BUSCA PELA FELICIDADE	
Leilson João Reis da Silva	
Jacir Alfonso Zanatta	
DOI 10.22533/at.ed.3022118059	
CAPÍTULO 10.....	95
TOMÁS DE AQUINO E A LEI NATURAL: UMA FUNDAMENTAÇÃO METAFÍSICA	
Luis Carlos Silva de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.30221180510	
CAPÍTULO 11.....	102
UN MÉTODO DE INTERVENCIÓN PEDAGÓGICO: ENSEÑAR Y APRENDER CON LA ÉTICA Y LA ESTÉTICA	
Mafaldo Maza Dueñas	
Vanessa García González	
DOI 10.22533/at.ed.30221180511	
SOBRE OS ORGANIZADORES	115
ÍNDICE REMISSIVO.....	117

BACHELARD E A JORNADA DO HERÓI: MITANÁLISE E TAROLOGIA COMO APRENDIZAGEM DE SI

Data de aceite: 21/05/2021

Gabriel Kafure da Rocha

Doutorado em Filosofia pela UFRN, Docente permanente do Mestrado Profissional PROF-EPT, Núcleo IF Sertão, Prof. de Filosofia e Ética do IF Sertão PE.

William Gustavo Machado

Graduando em Filosofia do Centro Universitário UNINTER, músico e professor de música.

RESUMO: A partir da perspectiva metodológica da possibilidade de uma mitanálise da filosofia bachelardiana, o presente artigo parte da perspectiva experimental da vivência da adaptação de jogos que estimulam o ensino-aprendizagem em sala de aula para explorar um formato interpretativo da jornada do herói. Começamos então por analisar o aspecto simbólico dos heróis e dos mitos, para então, por meio do Tarot, considerado um dos oráculos mais antigos da humanidade, arte adivinhatória em forma de jogo de cartas, adentrarmos numa leitura dos arcanos-arquétipos que regem a filosofia bachelardiana. Essa interpretação nos leva a genealogia do Tarot como um desdobramento de diversos baralhos, a maioria deles baseada no modelo composto por 22 arcanos. O Tarot Mitológico, nosso objeto analisado à luz da filosofia bachelardiana desenvolve a trajetória do arquétipo de Dionísio ou o arcano do “Louco”, que se complementa principalmente com Apolo,

arcano do Sol, e é iniciado e julgado por Hermes, arcano do mago. Por meio de uma transposição entre esses três arcanos, arquétipos-mitos e seus aspectos filosóficos, o objetivo do presente artigo se delineia na representatividade da filosofia da imaginação de Bachelard, suas influências e afluências para interpretar as possibilidades didáticas de ensino-aprendizagem da passagem do mito ao logos, sagrado ao profano, apolíneo ao dionisíaco, animus ao anima, conceito a imagem.

PALAVRAS - CHAVE: hermetismo, tarot, jornada do herói.

BACHELARD AND THE HERO'S JOURNEY: MITANALYSIS AND TAROLOGY AS SELF LEARNING

ABSTRACT: From the methodological perspective of the possibility of a mitanalysis of bachelardian philosophy, this article starts from the experimental perspective of the experience of adapting games that stimulate teaching-learning in the classroom to explore an interpretative format of the hero's journey. We then started by analyzing the symbolic aspect of the heroes and myths, then, through the Tarot, considered one of the oldest oracles of mankind, divinatory art in the form of a card game, we enter into a reading of the arcane-archetypes that rule philosophy bachelardiana. This interpretation takes us to the Tarot genealogy as an unfolding of several decks, most of them based on the model consisting of 22 arcana. The Mythological Tarot, our object analyzed in the light of the Bachelardian philosophy, develops the trajectory of the archetype of Dionysus or the arcane of the

“Madman”, which is complemented mainly with Apollo, arcane of the Sun, and is initiated and judged by Hermes, arcane of the magician. Through a transposition between these three arcana, myth-archetypes and their philosophical aspects, the objective of this article is outlined in the representativeness of Bachelard’s philosophy of imagination, its influences and influences to interpret the didactic possibilities of teaching-learning of the passage of the myth to logos, sacred to the profane, apollonian to the Dionysian, animus to the anima, concept to image.

KEYWORDS: hermeticism, tarot, hero’s journey.

1 | CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Apesar de Bachelard não falar do Tarot em sua obra, encontramos algumas referências sobre a mitologia e alguns deuses gregos, uma das mais célebres, em *O ar e os Sonhos* diz que “A mitologia é uma metereologia primitiva.” (BACHELARD, 1943, p. 226). Logo, conceber esse caráter metereológico ao mito, é demonstrar sua explicação primitiva para os fenômenos da natureza antropoformizados em um encatamento divino. Além disso, Bachelard cita pouquíssimas vezes a palavra Cabala¹, de onde o Tarot pode ser um acróstico inverso do livro que baseia essa doutrina, a Torat. Assim, o Tarot pode ser visto como uma prática judaica que sincretizaria e esconderia, no tempo da escravidão desse povo no Egito, os Arcanos oraculares em forma de imagens em cartas.

O costume do preconceituoso historicismo que lineariza a vida, a existência e toda a humanidade, nos levou a ver uma semelhança entre a história da humanidade e a vida do corpo humano. Estaríamos hoje, historicamente falando, vivendo uma fase “racional”, um “auge” da produtividade, pois já teríamos passado pelas “fases mitológicas” da humanidade. É como se tivéssemos vivido uma primeira infância na pré-história, uma infância na antiguidade, uma pré-adolescência na Idade Média, adolescência no renascimento, e finalmente chegarmos a ser jovens adultos na modernidade. Eis então o momento da pós-modernidade, que “não se ilude” mais com as “ingenuidades” dos primeiros tempos e percebe talvez que toda essa linearidade é um pouco mais complexa do que aparenta. Gilbert Durand é quem nos alerta para o mito do progresso, para o fator místico do histórico.

Enfim, razão e inteligência, longe de estarem separadas do mito por um processo de maturação progressiva, não passam de pontos de vista mais abstratos, e muitas vezes mais sofisticados pelo contexto social, da grande corrente de pensamento fantástico que veicula os arquétipos (DURAND, 2002, p. 389).

Isso se traz aqui para se localizar um lugar de valor a toda a nossa potencialidade imaginária. Uma vez que, como Bachelard (1990, p. 112) nos alerta, “as linhas imaginárias são as verdadeiras linhas da vida”, se faz necessário um re-conhecimento do polo (mais)

¹ “Os Interpretamos como um meio simples de reservar mistérios e segredos. Mas o mistério teria sido suficientemente guardado por nomes cabalísticos que abundam: Em nossa opinião, é mais que um mistério, é uma modéstia. Daí a necessidade de compensar um gênero com outro. Assim, a matéria mito-hermética às vezes é chamada feminina, às vezes de masculina.” (BACHELARD, 1967, p. 218).

imagético, mitológico, criativo e poético da espécie humana. Pode-se notar como exemplo, a atuação da criança na sociedade, que acontece em nosso mundo logocentrista tão somente pela via simbólica, seja pelo seu acolhimento ou pelo seu recalçamento. Todo ser faz parte desde sempre de uma ambiência psicossocial, entretanto, estamos nos desenvolvendo pelas margens, pelo que é recalçado, proibido pelas pedagogias dominantes.

Aqui, então, serão apresentados pelos estudos do imaginário algumas das bases imaginárias que sustentam a jornada do herói, cuja se manifesta desde a infância pelo brincar de herói, de salvar pessoas e mundos, derrotar monstros e vencer catástrofes. Quais são as motivações dessas imaginações? Por que as crianças manifestam-se tão fortemente pelo imaginar heroico? Devemos apoiá-las ou controlá-las? Quais os limites do herói? O que é um herói? O que tanto atrai o olhar para as narrativas heroicas? O que fazer, para que serve? O herói é bom ou ruim no meu contexto? São perguntas que não serão respondidas, pelo menos diretamente, mas talvez encontremos algumas pistas para uma resposta pessoal de cada um que venha a ler esse texto.

Acredita-se na criatividade humana e que seja possível fielmente reformular-se em qualquer contexto. São muitos os exemplos que se pode encontrar em nossa “era da informação”. Adota-se aqui a postura do “aprender a aprender”. Criar é uma aura aberta, que possibilita mais do que um caminho e muito mais do que algo dado. Como nos diz Bachelard, “não se sonha com ideias ensinadas.” Acredita-se que os educadores no geral devam confiar em si e principalmente nas suas relações com os jovens. O que aqui se está trazendo é para que se abra a essa pedagogia das possibilidades, da imaginação criadora e da ingenuidade, todos traços fundamentais do imaginário, do brincar da criança e do jovem e motivação da jornada do herói e seus arquétipos.

2 | AS FORÇAS IMAGÉTICAS QUE MOTIVAM O HERÓI

“Em outras palavras, o mito é a memória da ação brilhante de um herói ou é a memória do cataclismo de um mundo?” (BACHELARD, 1983, p. 176). Por meio de uma investigação acerca da mitologia nas obras de Bachelard – de uma *mitanálise* no sentido durandiano, cuja designa-se como “um método de análise científica dos mitos visando-se à extração do sentido psicológico [...] ou sociológico” (DURAND, 1985) –, serão abordados aqui três forças que motivam o arquétipo do herói: a elevação, a iluminação e a separação enquanto limpeza/purificação.

Em suma, mitocrítica e mitanálise situam-se na mais recente corrente epistemológica: aquela que, centrada na produção do universo das imagens simbólicas, e do mito que é a forma dinâmico-cultural dessas configurações organizatórias da socialidade, suscita um novo e acrescido interesse antropológico pelas mitologias, tanto negligenciadas pela perecida era dos positivismos (DURAND, 1985).

Dito isso, seguir-se-á com base na obra “*As estruturas antropológicas do imaginário*” de Gilbert Durand (2002), antropólogo francês, ele nos mostra, através de um olhar para a reflexologia, a motivação, isto é, aquilo que faz com que símbolos e arquétipos se formem em nossa estrutura psíquica. Os reflexos dominantes (inerentes à espécie humana) tem uma influência direta em nosso psiquismo. Os movimentos que eles geram e sugerem são representados em imagens pelo cérebro humano e articulados de acordo com aquilo que irá ser vivenciado por nossa espécie, pelo nosso corpo. A esse “acordo” entre o “eu” e o “mundo”, o antropólogo denominou *trajeto antropológico*, por onde se forma e deforma o imaginário, que é o nosso museu das imagens da humanidade – muito próximo do que o psicólogo Jung (2000) denominou de inconsciente coletivo.

Em tudo o que se torna consciente há imaginação, há uma primeira força imaginante. Logo, pode-se dizer que esse processo imaginativo se inicia desde o nascimento, no início de nossa vida psíquica, de nosso processo de individuação – ou quem sabe até antes, em nossa vida uterina. Aqui se quer chegar aos reflexos sem perder de vista que a imaginação está sempre presente. Há um simbolismo atuante em nossa vida, comum, cotidiana, e não somente nos momentos em que se atenta ao simbólico, como nos ritos, nas artes e nas religiões. Em cada momento da vida há imaginação, há um aspecto que nos faz ver coerências, sentido no mundo. É o que Jung, inclusive, denomina como *fantasia*, como aquilo que nos faz acordar todas as manhãs e crer que o mundo é mundo, que a vida é vida, que “eu sou ainda eu”. Portanto, é a imaginação que protege o humano para que ele não se disperse, de si mesmo. É antes ela do que qualquer processo racional. O filósofo Ernst Cassirer (1994) também dirá que deveríamos definir o homem como animal *symbolicum*, antes do que como animal *rationale*. A razão, os pensamentos são organizações de imagens mais ou menos ricas simbolicamente. Acontecem somente após as imagens. Essas são parte de nossa estruturação psicológica.

A ELEVAÇÃO DO HERÓI

A postura é o reflexo que nos faz querer equilibrar-se. Se nasce com esse desejo. Assim, toda uma simbologia riquíssima irá se formar a partir dessa força primeira. Ao nascer, se experimenta logo um primeiro medo, que se dá no movimento em si do parto. Os movimentos da parteira, da médica e/ou da mãe são os primeiros movimentos que se conhece fora do útero e são eles rápidos, bruscos. O reflexo que irá responder a esse medo é o de postura: responde-se a essa “queda” – que é o conhecimento da gravidade – por uma elevação. Pode-se notar que o que primeiro nos faz enfrentar o mundo é uma atitude vertical, ascensional, um erguer-se contra a queda.

A partir disso, pode-se recorrer à inúmeras terapêuticas que procuram sempre levantar o humano diante da angústia, da ansiedade, da depressão. O corpo todo entende a gravidade no nascimento e durante toda a vida. Essas experiências possuem, obviamente,

uma repercussão psíquica. Serão construídos símbolos que nos ajudarão a nos elevar diante do medo das quedas. E aqui se pode já falar em moral, como se percebe pelas inúmeras mitologias que narram tais “quedas morais”. Ou ainda em linguagem, que é construída também a partir dessas nossas primeiras imagens. A queda é então esse *movimento*. Ela, como se sabe, possui toda uma conotação negativa: “ninguém quer cair”. “Cair” é sinônimo de sucumbir ao medo, ao mundo, à gravidade, ao tempo. São as imagens – que aqui são movimentos – que irão formatar em nós nossas capacidades de significar e ressignificar as coisas, a realidade, os gestos.

Ora, se não considerarmos mais os mitos, mas pedaços de mitos, ou seja, imagens materiais mais ou menos humanizadas, o debate é imediatamente mais matizado e sentimos que é necessário conciliar as doutrinas mitológicas extremas. Se o devaneio se apegue à realidade, ele a humaniza, a amplia, a engrandece. Todas as propriedades do real, assim que sonhadas, tornam-se qualidades heróicas. (BACHELARD, 1983, p. 176)

Respondendo à queda, vamos nos erguendo. A atitude heroica está justamente nessa resposta ao mundo, à dura realidade. Conhece-se o mundo por uma vertigem. Essa se revela como “um relembrar brutal da nossa humana e presente condição terrestre” (DURAND, 2002). Ser *humano* é estar sujeito ao tempo, que precisa ser vencido pelo herói. Esse irá combater justamente o que é mais mundano, para elevar-se, para ser puro. Elevar-se é um ato do “espírito”, do masculino (enquanto imagem). E ainda tornará o mundano em monstro, para poder combatê-lo.

O ESPETÁCULO DO HERÓI

“Todos os heróis são solares; todos os deuses são deuses da luz. Todos os mitos contam a mesma história: o triunfo do dia sobre a noite.” (BACHELARD, 1983, p. 178). A queda é escura. O medo da noite é comum. Assim como o medo dos monstros com as maiores bocas e dentes que acreditamos querer nos devorar em seus escuros ventres. Mitos ligados à lua também são tidos frequentemente como assustadores para o imaginário diurno. Já no alto se encontra a luz. A mais radiante possível. Altura e luminosidade convivem harmoniosamente, são isomorfas. O herói então, por habitar e conquistar os cumes do mundo, também se enche de luz. O herói vence um mundo, de trevas e maldades. A iluminação heróica possui um caráter moral: seu órgão predileto, o olho, receptor da luz, atinge uma supremacia inquestionável. Tanto é que o herói, guerreiro e corajoso, é também juiz, possuindo a capacidade julgar o que é bom ou não para mundo: ele “sabe”; ele é “vidente”.

Na imaginação heróica, ver e saber andam de mãos dadas. Assim é que o supremo herói tem a sua potência garantida e a sua soberania para dizer o que é verdade: suas palavras irão determinar os próximos acontecimentos. Afinal: ele conquistou, salvou, subiu, iluminou, viu e sabe. “Depois desse ato de imaginação heróica vem, como recompensa, a

consciência de estar acima de um universo, acima de tudo.” (BACHELARD, 1990, p. 166).

Se imaginarmos um brincar de herói com esses elementos, poderemos resgatar histórias, relembrar filmes, e perceberíamos a constância desses movimentos. Os super-heróis do cinema carregam muitas dessas características e podem nos guiar acerca dessa imaginação. O interesse, portanto, que as crianças e jovens têm por essa forma mitológica pode ser compreendido melhor ao darmos assim um lugar digno em nossas observações – que hoje se encontram tão adultocêntricas.

Iluminar o mundo, arrancá-lo de suas trevas, é parte de uma intenção de divinizar a existência. O herói que ilumina quer tornar-se um deus, em si e para si. As trevas, que não são bem-vindas nessa imaginação, são representações das forças que consomem o ser humano: a morte, o tempo, o destino. Logo, quando se brinca de herói, projeta-se pela imaginação o que pretende-se vencer. A vivência simbólica dessa luta permanecerá no ser enquanto “forma”, enquanto uma “fórmula” que se buscará por toda a existência ao se deparar com os obstáculos que nos puxam para baixo.

O heroísmo é a força imagética que se busca para vencer o tempo em suas diversas manifestações: quando ele impõe mudanças no mundo, quando impõe mudanças no corpo, quando a morte se aproxima – seja de alguém, de algo ou de uma “qualidade” nossa. Para lutar nesses ambientes, o herói se arma e se ilumina: procura luz, afasta tudo o que é incerto, decide, seja iluminando ou excluindo.

A PURIFICAÇÃO DO HERÓI

O herói tem com isso, como sua grande missão, o objetivo de ser grande, divino, único. Apolo será o protótipo dos heróis. O cavalo será domesticado, as armas serão afiadas e a animalidade do instinto humano domada pela racionalidade. Há assim toda uma vontade de “separação da exterioridade”, cuja se manifestará no poderio do herói, com seus escudos e suas muralhas, com suas armas cortantes e de amarras, que virá formar uma simbologia ascensional que ajudará o homem em sua jornada no mundo, contra o mundo. O herói tem a vontade de se purificar de sua história. Ele era um homem do mundo, levado pelo mundo, que corria perigos. Após sua jornada, erguido, iluminado, vendo e sabendo, agora pode enfim se dizer puro.

Sociologicamente, pode-se problematizar a figura do herói, visto que estamos num mundo onde, além de imperar uma confusão entre o imaginário e o real, se está sofrendo mais por conta da imaginação diurna do que por sua “falta”, digamos assim. Entretanto, cumpre realizar estudos sobre a jornada do herói enquanto processo íntimo: a jornada do herói é um processo digno na vida masculina; cabe percebê-la por suas imagens internas (simbólicas) para significar essa potência na própria vivência de cada ser, sem a opressão do outro.

É a imaginação que deve nos fornecer a linha de belas imagens ao longo da qual correrá o esquema dinâmico do heroísmo. O exemplo é a própria causalidade na moralidade. Mas ainda mais profundo do que os exemplos fornecidos pelos homens é o exemplo fornecido pela natureza. A causa exemplar pode se tornar uma causa substancial quando o ser humano se imagina de acordo com as forças do mundo. Quem tenta casar a sua vida com a sua imaginação sentirá em si uma nobreza crescer ao sonhar com a substância que sobe, ao viver o elemento aéreo na sua ascensão. (BACHELARD, 1943, p. 130).

Antes de ascender, o herói desce. Ele procura pelos monstros e re-conhece suas forças. Antes de ser atirado, o arco é puxado para trás. Antes de conhecer a responsabilidade, o ser sonha seus mundos. E como nos ensina o psicólogo James Hollis (2005, p. 75)

Nenhum de nós está disposto a tomar decisões heroicas e a agir heroicamente o tempo todo, nem mesmo a maior parte do tempo. Mas cada um de nós tem um encontro marcado consigo mesmo, embora a maioria de nós nunca apareça para o encontro. Aparecer nesse encontro, e lidar com o que quer que deva ser encarado nos precipícios do medo e da dúvida íntima, essa é a missão do herói. [...] o arquétipo do herói é a metáfora primordial para essa canalização da libido a serviço do desenvolvimento.

Uma vez que estabelecemos o papel filosófico dos heróis, passaremos a analisar o seu papel nos mitos, por meio dos arcanos do Tarot mitológico.

O PRINCÍPIO E O FIM DOS ARCANOS

Adentrando então no Tarot Mitológico, enfatizamos a adaptação dos arcanos maiores a alguns mitos fundantes da cultura grega delimitando as imagens dos dois primeiros arcanos como ponto de partida, o Louco (Dionísio) e o Mago (Hermes), essa jornada tem como desdobramento os arcanos finais, o Diabo (Pan), o Sol (Apolo), e como desfecho o Julgamento ou juízo (Hermes) e o Mundo (Hermafródito).

Assim, partindo dentro da perspectiva metereológica e cosmológica da passagem do mito ao logos, em *Água e os sonhos* Bachelard se refere a Apolo como a própria prática de decifrar os mitos.

Claro, não temos que enfatizar a influência da mitologia ensinada, que constitui um obstáculo ao estudo psicológico mitos exatos. Na mitologia ensinada, começamos com o geral em vez de começar pelo particular. Acreditamos em fazer as pessoas entenderem sem nos dar ao trabalho de fazer as pessoas sentirem. Cada cantão do universo recebe um deus nomeado. Netuno vai para o mar; Apolo, o céu e a luz. É apenas um vocabulário. Um psicólogo de mitos, portanto, terá que fazer um esforço para encontrar coisas por trás de nomes, para viver, antes de histórias e contos, o devaneio primitivo, devaneio natural, devaneio solitário, aquele que acolhe a experiência de todos os sentidos e que projeta todas as nossas fantasias em todos os objetos. (BACHELARD, 1983, p. 208)

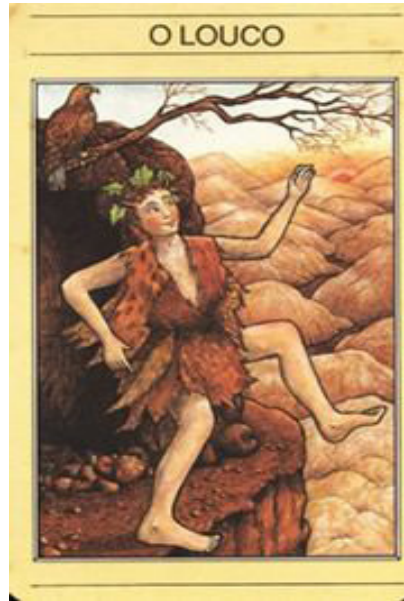
Inspirados numa mitologia ensinante, que complementa a mitologia ensinada nos livros didáticos, podemos considerar então que a mitologia se coloca entre a alquimia e a astrologia, como um saber profundo que inspirou diversas práticas esotéricas e herméticas. “Por um lado com os mitos do herói solar, por outro lado com as práticas da alquimia” (BACHELARD, 1982, p. 145). É preciso enfatizar que algumas reflexões sobre a alquimia em Bachelard, nos fizeram agora adentrar na possibilidade interpretativa do Tarot por meio da mitologia será uma ousadia, ou quiça imprudência do pensamento.

“Quem nos ajudará a perceber todas as nuances dos devaneios alquímicos, em uma obra de gêneros, quando se fala da união de irmão e irmã, de Apolo e Diana, do Sol e da Lua?” (BACHELARD, 1968, p. 61).

Por conta da multiplicidade de mitos e narrativas, uma estratégia de despertar o sentimento de pertencimento com os estudantes pode estar ligada ao fato de existirem diversas possibilidades de trabalhar as jornadas do herói pelo o desvelamento da complexidade imaginária dessas narrativas.

Toda uma geração de mitologistas trabalhou para unir o destino do homem aos eventos do céu. Entre a psicologia dos heróis e a cosmologia do céu, estabeleceu-se um campo de metáforas extremas. Devaneios cósmicos foram, de alguma forma, incorporados em homens lendários. (BACHELARD, 1992, p. 142).

O objetivo do Tarot mitológico não é predizer o futuro, tampouco dos outros baralhos, mas é aconselhar e orientar o consultante, as indicações arquetípicas do auto-conhecimento e seus melhores caminhos. Nesse sentido, entendendo que o Tarot mitológico pode servir para auxiliar os alunos a entenderem melhor a relação dos mitos com a construção de suas próprias subjetividades, utilizá-lo para entrelaçar os mitos em uma narrativa que traga respostas filosóficas as suas perguntas pode ser uma estratégia lúdica diferencial para trabalhar a passagem do mito ao logos nas aulas de filosofia.



O louco – Dionísio (SHARMAN-BURKE, 1988).

Essa passagem, é também a jornada do arcano “O louco”, simbolizado pelo mito de Dionísio no Tarot Mitológico que representa uma jornada de autoconhecimento, uma transformação da água para o vinho, ou do fogo à água.

“Uma psicanálise completa da bebida deve apresentar a dialética do álcool e do leite, do fogo e da água: Dionísio versus Cibele. Podemos então perceber certos ecletismos da vida consciente” (BACHELARD, 1983, p. 148).

Começamos então questionando a loucura de Dionísio, que passa então a ser curada por Cibele, titânide mãe, também chamada de Reia, filha de Gaia, a terra. Cibele instrui Dionísio no seu próprio rito da desmesura, por meio do cultivo da uva e do vinho. Dionísio é então esse arquétipo que nasce de um conflito que o faz ser o último deus do Olimpo. Dionísio tem esse caráter cíclico então de nascimento e renascimento, eterno retorno.

E assim como o mito irriga a história, a história dá uma carne, um corpo, uma respiração ao mito, que se encarna e que se deixa ver nela. A bipartição entre profano e sagrado se justifica, dessa forma, na continuidade de uma experiência “religiosa” global (no sentido de uma relação, *religio*), que é experiência da relação, como elemento constitutivo do vivente. Em um movimento contínuo, ligado ao vivente, por meio da dialética da hierofania, o profano se transforma em sagrado, e a dessacralização retransforma o sagrado em profano. Essa estrutura dinâmica permite entender a simbólica do sacrifício como um momento de inversão alquímica entre um ‘desmembramento’ simultâneo, uma subida gloriosa no sagrado faz dessa morte uma vitória uma ressurreição, a identifica à morte-renascimento do herói original, no *illud-temps*. (PITTA, 2017, p. 56).

Um das versões do mito de origem de Dionísio começa com uma linda princesa chamada Sémele. Zeus se apaixonou por ela à primeira vista e assumiu uma forma humana para poder visitá-la. Ele logo a conquistou e depois a seduziu. Então, ela ficou grávida e Zeus confessou quem ele realmente era. Nessa versão, também se fazem presentes os ciúmes de Hera, a esposa de Zeus. Quando soube da infidelidade do marido, ela também adotou uma forma humana e apareceu diante de Sémele como uma enfermeira. Ela induziu a princesa a confessar quem era o verdadeiro pai da criança. Hera, então, insinuou que Zeus poderia não ser quem ele disse que era, plantando dúvidas e preocupações na mente de Sémele. Para ter certeza, Sémele pediu a Zeus que aparecesse diante dela como deus, ao invés de um mortal. O deus do Olimpo havia prometido a ela que sempre concederia todos os seus desejos e, portanto, não poderia recusar o pedido. Então, ele se transformou em relâmpago e trovão, o que fez a princesa morrer carbonizada. Dionísio, que estava em seu ventre, foi salvo por Zeus e consequentemente, tutelado por Hermes.



O mago – Hermes (SHARMAN-BURKE, 1988).

De Hermes pouco se sabe de sua origem, apenas que foi um dos deuses mais antigos, filho de Zeus e Maia, e por isso, da maiêutica, nasce a hermenêutica, que nesse caso, além de promover a comunicação entre o céu e a terra, deuses e humanos, nos leva a delinear algumas interpretações da subjetividade hermética que chegam a considerá-lo a mesma figura arquetípica do próprio demiurgo. O Mago é então o Guia interior, que pode ser visto como educador espiritual e protetor do Louco.

Nessa perspectiva hermeneutica, iremos então tentar colocar a filosofia bachelardiana

dentro do contexto dos arcanos maiores, fazendo uma análise de sua filosofia na trajetória do herói do Tarot mitológico, ou seja, a história do Louco e seu encontro com o Mago e o Sol.

Mas agora, tendo suportado a solidão e a experiência, descobre 'o outro', seu companheiro interior, e emerge como gêmeo para folgar na glória do Sol. [...] Agora, em O Sol, a iluminação alcança um crescendo. O Sol retrata o momento em que o herói, deixando para sempre o mundo das opiniões estéreis e dos dogmas formais, ingressa no mundo ensolarado da experiência direta e do conhecimento puro (NICHOLS, 2007, p. 327)



O sol – Apolo (SHARMAN-BURKE, 1988).

Apolo, as vezes associado com Hélios que cavalga do céu até o oceano dando início à noite, pode ser associado como esse deus dos atributos musicais, precisão, cura. Filho de Zeus com a Titã Leto, memória, traz essa clareza de pensamento serve para ajudar a vir o otimismo e a confiança de planejar e construir o futuro desejado como na carta “O Sol”, o deus Apolo, o radiante deus- Sol, o inimigo da escuridão, cujo apelido era Febo, aquele que brilha. Segundo Jung, Dionísio é o inconsciente e o Apolo o consciente.

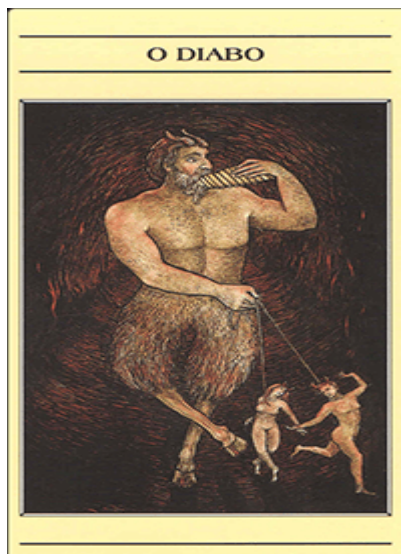
O passado, o real, o próprio sonho só nos deram uma imaginação fechada, pois só têm à sua disposição um acervo específico de imagens. Com a imaginação aberta surge uma espécie de mito da esperança simétrico ao mito da memória. Ou melhor, a esperança é a impressão vaga, vulgar e pobre que coloriu o futuro de um homem quase cego. (BACHELARD, 1939, p. 195).

Mesmo que a filosofia bachelardiana tenha características tanto apolíneas como dionisíacas, o dia e a noite, o conceito e a imagem, podemos considerar o filósofo como

um “entre” essas pulsões que variam entre o divino e o humano, o celeste e o terrestre, o que nos faz refletir a interação de hermética bachelardiana entre essas deidades pela própria hermenêutica da associação entre símbolos e conceitos. O inter-esse de Hermes tem uma importância que é tanto uma chave para uma mitanálise, quanto como de uma hermenêutica da imaginação. Existe uma possibilidade mítica, na qual, segundo Serres

Hermes, muitas vezes, diverge em seu caminho. E se destaca. Vejam os fluxos misturados bem como os lugares de permuta, compreenderão melhor o tempo. Hermes encontra pouco a pouco sua língua e suas mensagens, ruídos e música, paisagens ou caminhos, saber e sabedoria. Ele corre para o lado, para os lugares onde os sentidos vibram e estremecem, turbulência vizinha do corpo, sensação. Ele ama e conhece o recanto onde o lugar se afasta do lugar para ir ao universo, onde este se afasta da lei para se imaginar em singularidade: circunstância. (SERRES, 2001, p. 294)

É provável que Hermes tenha sido pai de Pan, o arcano do Diabo no tarot mitológico, até porque, em certas comparações e correlações mitológicas, Hermes pode ser associado também a Exú. E isso representa psicologicamente as coisas que precisam ser trazidas à consciência, para serem vistas e arrumadas como na carta “O Diabo”, o grande Deus Pan, o “grande Todo”.



O Diabo – Pan (SHARMAN-BURKE, 1988).

Ainda segundo Serres:

Hermes tomou o poder mundial, nosso mundo técnico só existe pela integral do caos, não encontrarão mais nada sobre terra, nem pedra nem rastro, nem um pequeno inseto nem um buraco, que não esteja recoberto pelas águas

diluvianas da balburdia. O grande Pã ganhou, aboliu todo o silêncio do espaço. Se tem piedade de mim, ensinem-me onde pensar. (SERRES, 2001, p. 43).

Assim, podemos interpretar que essa totalidade que preenche os silêncios e vazios, se aproxima da concepção Pancalista bachelardiana, como um reflexo da transfiguração de pan, o Arcano do Diabo, em um deus um que representa psicanaliticamente a sombra. Tal conceito junguiano designa que na medida que se clareia os processos recalçados da subjetividade, o chumbo vira ouro, ou seja, aquilo que não tem valor, vira arte. No caso da filosofia de Bachelard e da crítica do próprio Serres sobre a falta de contemporaneidade do espírito científico bachelardiano, nota-se essa necessidade de purificar a ciência assim como herói purificou a si mesmo.

No primeiro *Hermês* ou *a Comunicação*, Serres busca seguir uma linha pós-Bachelard. Ele apresenta Bachelard como o último dos simbolistas, que encerrou uma era saturando o espaço com símbolos, na encruzilhada entre ciência e cultura. O simbolismo é seguido pela era do formalismo à qual Michel Serres declara ser membro (BENSAUDE-VICENT, 2006, p. 39).

Ou seja, a ideia de ciência de Serres é baseada no não determinismo da racionalidade, considerada por ele como uma ingenuidade. O problema não é a ruptura epistemológica bachelardiana, mas na verdade a acusação de Serres do próprio Bachelard não ser bachelardiano o suficiente, por não seguir o surracionalismo as últimas consequências, é o que mais à frente designaremos como o problema do juízo do terceiro incluído.



O mundo – Hermafrodito (SHARMAN-BURKE, 1988).

Dos outros filhos de Hermes que merecem atenção dentro da filosofia bachelardiana, há também Hermafrodito, a androginia que consiste no mito no qual nasceu filho de Afrodite e de Hermes.

Embora andrógina, a figura do Tarô é retratada como predominantemente feminina, o que representa uma verdade psicológica, eis que o lado feminino tanto nos homens quanto nas mulheres está ligado à experiência do eu. No homem, a iniciação vem através da *anima*; na mulher, o eu é personificado em sonhos e outros materiais inconscientes na forma de figura feminina. Como mulher, o mundo encerra dentro em si a semente de novo nascimento, pois a autocompreensão é um processo sempre envolvente, assim, no indivíduo como na espécie humana em geral. (NICHOLS, 2007, p. 346)

Este representa a fusão do sexo masculino e feminino pelo Arcano do Mundo. A transfiguração do mundo, se dá pelo mito do Argos, o qual Serres explica muito bem em seu livro “Os cinco sentidos”, tratando da problemática da visão, assim como o chamado vício da ocularidade bachelardiana.

Serres entende que Pan e Hermes tem que matar o panóptico, adentrando na informação e transformando-a. “O mundo quer se ver, o mundo vive na curiosidade ativa com os olhos sempre abertos. Ao unir sonhos mitológicos, podemos dizer: O Cosmos é um Argus.” (BACHELARD, 1968, p. 194).

CONSIDERAÇÕES FINAIS



O julgamento – Hermes (SHARMAN-BURKE, 1988).

Por meio da hermenêutica da subjetividade da filosofia bachelardiana, lida pelos arquétipos do Tarot, voltamos agora para o desfecho desse experimento de pensamento, resgatando o aspecto judicioso de hermes. Quando ele chegou a se tornar um Olimpiano, Zeus precisava de alguém para deixar o Olimpo para levar mensagens dos Deuses para os mortais. Hermes escolheu Atena, por sua vez, Atena escolheu Hermes. Seu argumento foi estabelecido por uma votação sobre os Olimpianos. Ares, Hefesto, Apolo e Afrodite escolheram Hermes. Hermes saiu e desceu à terra para ajudar os mortais. Foi dado a Hermes sandálias mágicas, um chapéu dourado e uma capa para esconder suas coisas, tornando-se Mensageiro dos Deuses.

Agora, afinal, no Julgamento, o herói e seus dois companheiros estão nus juntos, expostos uns aos outros e à influência dos poderes celestiais. [...] A figura angélica no céu também se humanizou. Conquanto possua cabelos e dois pares de asas de ouro, sua expressão denota mais intensidade e sentimento humano do que se poderia observar no rosto das figuras celestes pintadas [...] O fato de todas as figuras no Julgamento terem sido humanizadas e estarem em comunicação umas com as outras assinala uma brecha importante na percepção psíquica do herói. É uma promessa de que as qualidades de cada uma podem ser reunidas e consolidadas num ser completo – um ser humano. (NICHOLS, 2007, p. 337)

Dentro da filosofia bachelardiana, é preciso enfatizar que o julgamento hermenêutico de sua mitanálise hermética, dentro da dualidade da epistemologia e da poética, convém admitir que não demarcou o terceiro incluído. Note-se nas palavras de Wunenburger:

É bem por isso que, em conclusão, Bachelard renuncia toda a ideia de um terceiro incluído a partir do qual a contradição produziria de novo um sentido deslocado. O trabalho do anticonceito deve favorecer um pluralismo conceptual mais do que uma abertura ao paradoxo (WUNENBURGER, 1990, p. 187).

Nessa perspectiva oracular das mensagens entre deuses e humanos, podemos frisar que experimentos filosóficos semelhantes dessas problemáticas foram feitos dentro da astrologia nos textos bachelardianos. A astrologia é regida por 12 signos², já o tarot se desdobra em 22 arcanos. Tanto arcanos como signos estão alicerçados nos mitos.

Para compreender plenamente o valor e a ação dessa mitologia, dessa ascensão de um ser na mitologia, devemos interromper o curso de uma biografia, dar à criança um alívio tal que seu estado de infância possa reinar. Permanentemente na vida, para ser um deus da vida imortal. (BACHELARD, 1968, p. 139).

A mitanálise se demonstra como uma leitura possível de uma psiquê no Tarot através dos arquétipos dos Arcanos, mas essa própria representatividade filosófica se torna também uma arcanologia, na qual Bachelard se desprende filosoficamente na 2 Existe também uma perspectiva de equiparação entre o Tarot e a astrologia (MOLINERO, 1990), na qual os signos estão agrupados entre os decanatos, no caso de Bachelard, que é do signo de câncer, a imperatriz (Deméter, ou a primavera) e o carro (Ares, o guerreiro).

Mas, como sabemos, o Louco nunca fica por muito tempo no mesmo lugar. Não tardará que [...], *l'ami de Dieu*, o amiguinho de Deus – e nosso – se mostre impaciente por partir, induzindo-nos a fazer com ele uma nova viagem por novas dimensões da percepção. Como nos mostrou o Tarô, a vida é processo, a vida é movimento; a serenidade não consiste em estar livre da tempestade, mas em equilíbrio no centro. Daí que *O mundo* não possa ser o produto final das viagens do herói. É, antes, a imagem que o inspirou a empreendê-las. (NICHOLS, 2007, p. 354)

O exercício de transpor a filosofia bachelardiana dentro do Tarot Mitológico é complexo, ao mesmo tempo que nos dá uma possibilidade de explicação imagética da obra de Bachelard, proporcionando uma maior plasticidade no processo de ensino-aprendizagem. Pode-se também inferir conclusão que o Tarot filosófico pode servir também como uma estratégia lúdica para orientação de alunos que estão em dúvidas tanto quanto suas escolhas profissionais, vestibular, por exemplo, como suas dúvidas de final de curso, TCC e até mesmo na orientação inicial dos projetos de mestrado. Seria interessante analisar a história da filosofia por meio dos arcanos menores que são regidos pelas áreas filosóficas dos arcanos maiores. Assim, vale ressaltar, que da mesma maneira que os 4 naipes dos arcanos menores pode ser equiparada aos 4 elementos, também poderíamos dizer que esses 4 naipes possam se dividir entre a história da filosofia antiga, medieval, moderna e contemporânea.

Não pretendíamos aqui encarar o Tarot Mitológico como mais um zodíaco, tanto que essa associação com Arquétipo Hermes e as significações do arcano feiticeiro foi simplesmente uma maneira de atentar para o fato do próprio Bachelard não ter trabalhado sua mitanálise nesse sentido, suas citações aos mitos são mais ligadas a elementalidade das manifestações literárias. Em todo caso, entendemos que Hermes, Dionísio e Apolo regem a psiquê masculina na sua renovação dos Arquétipos mais antigos que são Zeus, Hades e Poseidon. As delineações e interações entre os mitos justamente como uma perspectiva da jornada do herói é que constituem o aspecto mais interessante do Tarot Mitológico e que podem auxiliar os estudantes tanto a absorverem a mitologia, como a instrumentalizarem esses arquétipos na sua hermenêutica da subjetividade.

“Se tal documento viesse de alguma mitologia distante, seria mais prontamente bem-vindo. Mas por que não tomar o verso do poeta como um pequeno elemento da mitologia espontânea?” (BACHELARD, 1961, p. 200)

Vimos assim, por meio dos mitos, que elementos que variam da maiêutica à hermenêutica, da memória (*lethos*) ao esquecimento (*alethos*), podem nos levar a uma verdade, *aletheia*, como um contínuo ou descontínuo desvelamento da complexidade que existe entre o conceito e a imagem, animus e anima, o dia e a noite.

O pensamento, ao visar o real segundo uma estrutura pelo menos ternária e de acordo com uma polarização dinâmica e com uma lógica do terceiro incluído, tenta precisamente apreender o mundo de modo diferente daquele que o faz em função do universal abstracto ou da unidade. A dualidade abre, de facto, uma via nova, que se aparenta, segundo a judiciosa distinção de Gaston Bachelard, menos com qualquer saber do irreal do que com um saber surreal; ela tenta tornar as coisas inteligíveis, não já segundo linhas de força superficiais, mas mais propriamente segundo correntes subterrâneas que circulam em profundidade; ele reivindica menos um saber transparente do que um saber denso que não pode ser assimilado pela obscuridade ou confusão. Há, pois, de facto, em nossa opinião, lugar para uma investigação sinuosa e oblíqua do mundo, que se ache dotada de instrumento objetivos, mesmo que não sejam da mesma natureza que os da ciência ortodoxa. (WUNENBURGER, 1990, p. 255)

Por fim, a multiplicação desses sentidos binários do mito, Apolo e Dionísio, num sentido ternário que inclui o terceiro incluído, Hermes, que perfaz e traz à tona toda a hermenêutica do imaginário mitológico masculino e sua ligação com o esoterismo e ocultismo e a complexidade tarológica.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. *Lautréamont*. Paris: Librairie José Corti, 1939, 201 pp.

_____. *L'air et les songes*. Essai sur l'imagination du mouvement. Paris: Librairie José Corti, 1943. 307 pp.

_____. *La poétique de l'espace*. Paris: Les Presses universitaires de France, 1961, 3e édition, 215 pp.

_____. *La formation de l'esprit scientifique*. Contribution à une psychanalyse de la connaissance objective. Paris: Librairie philosophique J. Vrin, 5e édition, 1967.

_____. *La poétique de la rêverie*. Paris: Les Presses universitaires de France, 4e édition, 1968, 185 pp.

_____. *L'eau et les rêves*. Essai sur l'imagination de la matière. 18e réimpression. Paris: Librairie José Corti, 1983, 267 pp.

_____. *La psychanalyse du feu*. Paris: Les Éditions Gallimard, 1992, 192 pp. Collection: Folio/essais.

_____. *La terre et les rêveries du repos*. Paris: Librairie José Corti, 1982, 343 pp.

BENSAUDE-VINCENT, Bernadette. Michel Serres, historien des sciences. *Cahier de L'Herne*. 2006.

CASSIRER, Ernst. *Ensaio sobre o homem*: introdução a uma filosofia da cultura humana. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____. Sobre a exploração do imaginário, seu vocabulário, métodos e aplicações transdisciplinares: mito, mitanálise e mitocrítica. *Revista da Faculdade de Educação*, São Paulo, v. 11, n. 1-2, p. 244-256, jan. 1985. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rfe/article/view/33348/36086>

HOLLIS, James. *Mitologemas: encarnações do mundo invisível*. São Paulo: Paulus, 2005.

JUNG, Carl Gustav. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Petrópolis: Vozes, 2000.

MOLINERO. *O tarot alquímico*. São Paulo: Mandala, 1990.

NICHOLS, Sallie. *Jung e o Tarô – Uma jornada Arquetípica*. Trad. Octavio Cajado. São Paulo: Cultrix, 2007.

PITTA, Danielle. *Iniciação à teoria do imaginário do Gilbert Durand*. Curitiba: Editora CRV, 2017.

SHARMAN-BURKE, Julier. *O tarô mitológico*. Trad. Anna Maria Dalle Luche. São Paulo: Editora Arx, 1988.

WUNENBURGER, Jean-Jacques. *A razão contraditória – Ciências e Filosofias Modernas: O pensamento do Complexo*. Lisboa: Instituto Piaget, 1990.